

ANGRA DOS REIS-RJ E O LAZER: OS EFEITOS DAS *GATED*
COMMUNITIES

Profa. Dra. Ana Paula C. Pereira
Centro Universitário de Volta Redonda- UniFOA
Profa. Dra. Silvia Cristina F. Amaral
Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é apresentar discussões acerca das estratégias de acesso as praias, criadas por moradores locais do bairro Frade, localizado na cidade de Angra dos Reis-RJ, devido a forma como os espaços públicos foram privatizados: com base no modelo de *gated communities*. Trata-se de espaços compostos em sua essência por muros, entradas e saídas e sistemas sofisticados de segurança. A metodologia teve um enfoque qualitativo e como instrumentos de coleta de dados, lançamos mão de entrevistas abertas e observações de campo. Identificamos que, as praias em Angra dos Reis, configuram-se como símbolo de negociações e estratégias de acesso ao lazer articuladas entre moradores locais, residentes secundários, dirigentes de *gateds communities* e o poder público (Federal, Estadual e Municipal).

PALAVRAS-CHAVE: Lazer; Comunidade; Consumo.

INTRODUÇÃO

Este texto, parte da tese de doutorado intitulada “O Lazer e a Residência Secundária em Angra dos Reis-RJ”¹, tem por objetivo, apresentar recortes que abrangem discussões sobre como o processo de urbanização de Angra dos Reis baseado num modelo de privatização do espaço público, afetou o lazer dos moradores locais, impulsionando-os a criarem estratégias de acesso as praias.

Situada na região Sul Fluminense do Rio de Janeiro, e fazendo também divisa com São Paulo, a cidade de Angra dos Reis possui uma população de 169.511 habitantes segundo o IBGE (2014) e, abundantes recursos naturais concentrados no Parque Estadual da Ilha

¹ Pesquisa realizada sob a aprovação do Comitê de Ética Protocolo: 0940.0.146.000-09, 20/03/2010 e Tese defendida em dezembro de 2012, na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.

Grande e o Parque Estadual Cunhanbebe². Apesar de tais reservas associarem a região automaticamente ao termo ‘paraíso’, a cidade abriga três significantes empreendimentos: o estaleiro Verolme (inaugurado em 1959), o Terminal da Baía da Ilha Grande (inaugurado em 1977) e as Usinas Nucleares Angra 1 e 2 (inauguradas em 1982) e futuramente a terceira Usina Nuclear. Estes empreendimentos, retratam, a reordenação espacial que a região sofreu na década de 1950, quando a base econômica de Angra dos Reis era a produção de Banana e a pesca artesanal, atividades que substituíram o mercado do café declinado no final do século XIX. Este cenário conferia a cidade uma imagem de estagnação e marasmo em termos econômicos (MARQUES; LACERDA, 2004), guardando proximidades com o relato do morador local que viveu naquela época:

Angra dos Reis era roça, todos, parte pescadores, parte lavradores da roça. A gente plantava de tudo pra sobreviver, feijão, milho, mandioca, mas a banana era o forte da cidade, e era o dinheiro que você tinha mensalmente, o peixe e a banana. De resto você tinha tudo que era legumes da roça, e era tudo vendido no centro de Angra, no antigo mercadão, quando era a casa laranjeira. Você ia de canoa, canoa a remo, no braço. Você tinha uma canoa grande para quatro homens remar. Você saía meia-noite daqui carregado, com banana e peixe, mandioca, farinha pronta. Lenha cortada, para ser vendida nas padarias de Angra. Não tinha luz, a maioria não tinha luz em Angra, a maioria era lenha. Então você cortava a lenha, fazia amarrado e levava a lenha para vender. Então você tinha os postos que você entregava as padarias. Saíamos mas ou menos meia-noite, uma hora da manhã e cinco horas da manhã, a gente estava chegando em Angra. Com tempo bom, se não tivesse virada de tempo, senão você teria que ancorar em qualquer uma ilha dessa aí (Entrevistado n.1, em 05/05/2012, morador local).

O contexto descrito anteriormente em conjunto com algumas ações políticas tomadas naquela época (Comissão Nacional de Energia Nuclear e construção da Rodovia Rio-Santos) favoreceu a implantação do Projeto Turis, uma espécie de convênio firmado entre o Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur) e uma estatal francesa *Société Centrale Pour L'Equipement du Territoire* (SCET) em 1972 (CARVALHO, 2011), visando investimentos no setor turístico da região. Além disso, o Projeto Turis atenderia também a necessidade do governo implementar uma política de ocupação de solo naquelas áreas, e neste caso, as *gateds communities* (os condomínios fechados) pareciam atender a proposta daquele momento. Nos referimos a espaços compostos em sua essência por muros, entradas e saídas (para morador e visitantes apenas com identificação) e sistemas sofisticados de segurança, características que os enquadram num tipo de residência “com acesso restrito que normalmente privatiza espaços

² Parque Estadual da Ilha Grande criado em 1971 e Parque Estadual Cunhambebe criado em 2008.

públicos” (BLAKELY; SNYDER, 1997, p.2, tradução nossa)³. Cabe destacar que, a implantação deste tipo de residência ocorreu num lento processo de loteamento de terras, e este modelo de moradia incorporado do *leisure lifestyle* Norte-Americano, mostrou de fato, força total no mercado imobiliário Brasileiro somente na década de 1990.

Apesar da existência da Lei 7.661/88 elaborada pela Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro, inserido na Constituição Nacional garantir a circulação irrestrita de pessoas a áreas que abrangem recursos naturais (BRASIL, 1988), a realidade observada durante nossa pesquisa de campo realizada num bairro específico da cidade, o Frade, mostrou-nos que os moradores locais que compartilham das praias nos momentos de lazer, criaram estratégias de acesso devido aos constrangimentos gerados pelos grupos ligados as *gated communities*.

Neste sentido, as regras de acesso em áreas de praias independem da constitucionalidade da referida Lei que, parece ser suplantada por um reconhecimento mútuo entre os grupos que compartilham do ‘paraíso’ de Angra dos Reis (moradores locais, residentes secundários, dirigentes de condomínios, INEA) a respeito da praia que devem e não devem frequentar. Tal reconhecimento sustenta um fenômeno intimamente ligado ao lazer e desenvolvido principalmente na Europa, países Nórdicos e na América do Norte, qual seja, a residência secundária (PITKANEN, 2008; FLEMSAETER, 2009; MULLER, 2011; COPPOCK, 1977, tradução nossa).

METODOLOGIA

Para realização dessa pesquisa, lançamos mão do enfoque qualitativo com o objetivo de obtermos dados por meio de informações advindas das palavras, imagens e sons, captadas pelo pesquisador com base em três elementos: na crença de um grupo envolvido em uma situação particular do lazer, na maneira como este grupo sente e percebe a problemática em questão, e por fim, na visão de mundo desses grupos (VEAL, 2011). Como técnica de pesquisa utilizamos entrevistas abertas (com moradores locais, residentes secundários, Dirigentes do Instituto Estadual do Ambientes (INEA) e observações” (DAVIES, 2008; GOLD, 1958; KVALE, BRINKMAN, 2008). O período de imersão no campo: **1º Período** – de 10 de dezembro de 2009 a 28 de fevereiro de 2010; **2º Período** - 1º de julho de 2010 a 31

³ *Gated communities are residential areas with restricted access in which normally public spaces are privatized.*

de julho de 2010; **3º Período** 05 de dezembro de 2010 a 25 de janeiro de 2011⁴; **4º Período** - 1º de abril a 30 de maio de 2012. Estas etapas englobaram as seguintes ações: mapeamentos das áreas (inclusão e exclusão de determinados locais para observação), reflexão das questões surgidas em campo ao longo das interlocuções com os grupos envolvidos, delineamento dos temas das entrevistas e as entrevistas propriamente ditas.

GATED COMMUNITIES: REESTRUTURANDO O LAZER

A mudança mais forte da região foi a construção da usina nuclear, veio gente de várias partes do Brasil, e do exterior também, é o caso dos alemães, engenheiros que na usina eram chamados de *delegates*.⁵ A população cresceu, porque até então era formada por pescadores. O crescimento veio por “n” fatores, que foi início da década de 1970, e em função disso começou a haver uma procura muito grande por parte dos trabalhadores, devido a construção da Rio-Santos (estrada Rio-Santos), da usina e início da construção do hotel. Então, essa mão de obra vinda de fora desencadeou a construção de moradias desordenadas. Mas não tinha como ser de outra maneira (Entrevistado n. 21, em 11/05/2012, morador local migrante da década de 1970, comércio na Vila do Frade).

As mudanças mencionadas atrelaram-se ao projeto político e econômico imposto pelo regime militar da época e, se acompanharmos atentamente algumas medidas que foram tomadas, faz sentido pensar como foi oportuno investir concomitantemente em dois setores, o da Indústria e do Turismo e Lazer. Além da usina nuclear naquela época representar um vultoso empreendimento em termos econômicos, os militares ainda lidavam com a polêmica acerca das questões ambientais envolvendo o uso da energia nuclear no Brasil. Dessa forma, a divulgação das mudanças ocorridas em Angra dos Reis concentraram-se nos investimentos hoteleiros e imobiliários, disseminando a ideia de que, ‘estar’ em ‘Angra’ significava desfrutar do ‘paraíso’.

Associadas aos investimentos estão as profundas mudanças sofridas pelos moradores locais nativos em relação as formas de fruição do lazer que até então, tinham como práticas o Jongo a cantoria de reis, os bailes, a caça e a pesca. Um dos fatores contribuintes dessas mudanças foi justamente a ocupação paulatina dos espaços físicos em áreas de praias, cachoeiras e matas visando atender grupos de um alto poder aquisitivo cuja intenção era usufruir do ‘paraíso’, em seus momentos de lazer, embora sob exigência de compartilhar

⁴ Este período de observações foi menos extenso porque nesta mesma época eu estava em fase preparatória para a qualificação da pesquisa e com data já prevista para o Doutorado sanduíche no exterior.

⁵ Pessoa que representa outros. No caso da usina, os alemães eram os representantes da tecnologia implantada no empreendimento naquela época.

apenas, com seus próprios grupos, alguns elementos imprescindíveis como: “território, valores, estruturas e práticas de lazer,” (BLAKELY; SNYDER, 1997, p. 33). Tais elementos possuem relação com os três estilos de *gated communities* criados na década de 1970 na Flórida, no Sul da Califórnia e no Arizona.

A primeira é denominada de “comunidade de estilos de vida”. A motivação principal deste empreendimento se concentra no crescimento da sociedade lazer-consumo:

O espaço público (no interior do condomínio fechado) compartilhado, neste tipo de empreendimento é privatizado e controlado, mais em função de regras sociais (internas), que em relação à segurança. As medidas de segurança são planejadas para garantir a distância dos indesejáveis e controlar lugares como lagos, áreas de golfe, etc. (p. 47, tradução nossa).

A segunda, a “comunidade de prestígio”⁶, fundada mediante a “aspiração pelo status”, algo que, Blakely e Snyder (1997) apontam como desejável a qualquer tipo de classe (trabalhadora, classe média ou rica), embora o diferencial concentre-se na valorização dos símbolos e valores expressos nos níveis de renda do morador (p. 75). E, por fim, a “comunidade de zona de segurança”, criada para “defender a vida” (p. 99)⁷. No caso de Angra dos Reis, as três perspectivas se fundem, apesar das duas primeiras se aproximarem mais das expectativas de quem adquire uma residência secundária, ou seja, uma propriedade comprada ou alugada por um longo período, e utilizada como uma residência ocasional com diversos fins: descanso, base pessoal para trabalho, e ainda, como símbolo de prestígio (ALBARRE, 1977; CLOUT, 1971).

Em termos de lazer, este tipo de propriedade caracteriza-se pela disponibilidade de marinas com vagas ‘secas’ e ‘molhadas’ para barcos, restaurantes e lanchonetes, minimercado, lojas de conveniência, praias com uma base de equipamentos náuticos (jet-ski, ski aquático, windsurfe, operadoras de mergulho), serviços e funcionários (em sua maioria moradores locais) a disposição do lazer dos residentes secundários. A descrição de Blakely e Snyder (1997, p. 47)⁸, a respeito deste tipo de empreendimento se iguala ao padrão dos condomínios implantados em Angra dos Reis, isto é, “imensas cidades planejadas com o objetivo de prover aos residentes uma completa experiência de vida a partir dos portões, com escolas, lojas, escritórios parques e recreação”. Essa “estrutura completa de lazer”, expressão

⁶ *The prestige communities, the differences lie in what status symbols are valued and accessible.*

⁷ *The security zone communities, an attempt to defend their existing way of life.*

⁸ *New towns are large master-planned developments that aim to provide residents with a complete living experience, from gated subdivisions to schools, shopping center commercial offices, and parks and recreation.*

utilizada até os dias atuais em propagandas voltadas aos clientes do ‘paraíso’, aponta para uma conversão de vários serviços (de cunho turístico) visando atender satisfatoriamente as ‘férias’ envolvendo um grande trabalho realizado por dois grupos. Um, determinado a ter bons momentos, e o outro, que vende os serviços tentando garantir aos interessados uma verdadeira experiência de férias (URRY, 1995, p. 131, tradução nossa)⁹

Dessa forma, a troca de serviços entre moradores locais e residentes secundários, parece expressar certa “inautenticidade” (URRY, 1995, p. 140)¹⁰ do paraíso de Angra dos Reis, uma construção artificial, oriunda das exigências de articulações políticas e investimentos do setor privado da década de 1970, até o presente momento. Assim, a estrutura completa de lazer, marca da ‘inautenticidade’, torna-se um elemento chave do consumo, que possivelmente, garante ainda a existência das mais “autênticas” (URRY, 1995, p. 140) vilas de pescadores região. A Ilha Grande é uma nítida ilustração de como as atividades pesqueiras foram substituídas pelo turismo, via serviços hoteleiros, e de lazer, e ao que tudo indica, as práticas náuticas são o expoente de atração de Angra dos Reis. Nas palavras do morador local:

quando você chega ali em Angra é barco pra tudo quanto é lado, não tem mais lugar onde botar barco. Barco em Angra tá igual carro. Você não tem mais ilha pra você ficar. Em Angra dos Reis você não tem cais mais. Você não tem um lugar pra você encostar mais nada. Todas as ilhas que você tinha, Gipóia, Barandão, outras ilhas maiores que tinha mais espaço, que eram dos pescadores, que viviam da pesca, viviam daquilo, era noite e dia, entendeu? Hoje não tem mais. Hoje tem pessoas passando até necessidade, naquela época venderam barato, não tinham experiência (leia-se ‘terras’). Pessoas que viviam só naquilo ali (Entrevistado n° 1, em 05/05/2012 morador local).

Diante dessa realidade, presumo que Angra dos Reis guarda relações com o que Urry (1995, p. 2) chama de *‘all-consuming places’*, um lugar consumível, a partir do reconhecimento das pessoas sobre o que é significativo. Em lugares com estas características, tal reconhecimento liga-se, de uma maneira geral, à relevância industrial, à arquitetura, à arte, à literatura e ao meio ambiente, atrativos estes, que fomentam o uso dos lugares, ao ponto destes, serem utilizados exaustivamente. Nesta perspectiva, Urry (1995), aponta quatro possíveis aspectos que conectam a sociedade com o ambiente físico, e ao mesmo tempo nos instiga a pensar nas relações entre ambiente e sociedade, em Angra dos Reis:

Stewardship da terra tem o intuito de propiciar uma melhor herança para as gerações futuras que viverão na área local; *exploitation* da terra ou outros

⁹ *It is also clear that converting a range of tourist services into a satisfactory holiday involves a great deal of work. [...] both grouping itself determined to have a ‘good time’, and it involves those selling the services who try to guarantee a particular holiday experience.*

¹⁰ *Apparently authentic fishing village could not exist without the income from tourism.*

recursos, olhando para natureza como separada da sociedade; *scientization*, tratando a terra como objeto científico de investigação; e *visual consumption*, através da construção do ambiente físico como terra de fuga não primariamente para produção, mas atrativo para apropriação estética (p.174, tradução nossa).¹¹

Dentre os aspectos mencionados, percebo o consumo ou, *visual consumption* (URRY, 1995), como o mais notório para refletirmos sobre o caso de Angra dos Reis, devido à concentração dos interesses públicos e privados nos setores do turismo e do lazer.

O BAIRRO FRADE: ESTRATÉGIAS INFORMAIS DE ACESSO AS PRAIAS

O Bairro do Frade situado em Angra dos Reis, assim chamado, por abrigar um famoso pico, de aproximadamente 1.700 metros de altitude, é um lugar que impacta pela forma como foi construído, isto é, com divisas ou demarcações sócio-espaciais bem acentuadas, mas, sobretudo, com justaposições radicais nos diferentes modos de viver” (GUPTA; FERGUSON, 2007, p. 337). Na década de 1970 recebeu grupos oriundos de Estados variados, do Espírito Santo, Minas e inúmeros da região do Nordeste. Em primeira instância, sua estrutura espacial pode ser considerada a partir de três grandes áreas, a da praia, a do morro e em particular a área de uma *gated community*. A área da praia é composta por residências com espaços externos amplos, e comumente observa-se um ou mais carros na garagem, assim como, equipamentos náuticos (Jet-ski, barcos, botes, etc.). Nestas áreas também concentram-se o comércio e uma escola Estadual. Os espaços de lazer mais frequentados pelos moradores são a Praça Juca Mariano e dois clubes (Associação do Frade Futebol Clube e o “Clube Ox Ox Night”, mais conhecido como “clube do Boboi”). A área do morro, assim reconhecida pelos moradores, é composta por cinco morros (Morro da Constância, Morro da Cunhambebe, Morro da Portugal, Morro da Jaqueira e Morro da Pedreira), as casas que compõem esta área são um sinal de contraste econômico em relação aos que moram na área da praia. Tais casas, em sua maioria, não possuem espaços externos, reboco, e formam um aglomerado típico de favelas localizadas em regiões de periferia de grandes cidades. Nesta área também se localiza um posto de saúde, duas escolas Municipais e estabelecimentos comerciais. Por fim, temos a área da *gated community*, que, apesar de situar-se no mesmo bairro encontra-se separada da Vila pelo Rio do Frade.

¹¹ *Stewardship, of the land so as to provide a better inheritance for future generations living within a given local area. Exploitation, of the land or other resources through seeing nature as separate from society. Scientization, through treating the environment as the object of scientific investigation. Visual consumption, through constructing the physical environment as a landscape not primarily for production but embellished for the aesthetic appropriation.*

Ao caminhar pela Vila, em primeira mão, o que pesa na verdade é o fator saneamento. Completamente diferente do paraíso propagado por instituições do setor de turismo e de lazer, a imagem que atualmente compõem o bairro é o lixo espalhado pelas ruas. Encontramos em sacolas, caixas, ou até mesmo sem qualquer tipo de proteção. Ainda assim, na opinião dos moradores locais com quem interagi, “o Frade é maravilhoso pra se morar pra tudo, porque todo mundo se conhece, todo mundo sabe quem é quem” (Diário de campo, 20/12/2009). Em diálogo com um morador local tivemos as primeiras impressões de como se desencadeia o referido problema.

A Vila está nesta condição não é devido a Prefeitura, mas sim por causa do povão mesmo. Todos sabem que o caminhão do lixo não passa nas áreas do morro, transferindo a responsabilidade para o morador local de descer com o lixo nos dias estipulados pela Prefeitura para coleta. No entanto, o que ocorre na verdade, é que os moradores do morro descem suas sacolas de lixo antes do dia estipulado, acarretando assim o vazamento das mesmas pelas ruas. De acordo com os moradores parece não haver cooperação e respeito da vizinhança de quem mora no alto do morro com os que moram na baixada, no sentido de descer o lixo no dia da coleta (Diário de campo, 20/12/2009).

Obviamente que, incluídas na descrição das divisas estabelecidas no espaço físico do Frade, estavam as formas de fruição do lazer tanto dos moradores locais como dos residentes secundários. Além disso a praia pode ser considerada como o símbolo de expressão do processo de urbanização, ou até mesmo, um marco de destruição do ‘paraíso’. Nas palavras de um morador local, “se antes a praia era uma coisa linda, água cristalina sem sujeira e com arvores ‘cobi’, árvores que o homem não abraçava”¹² (Entrevistado n. 1, em 06/05/2012, morador local nativo), atualmente, a praia é poluída e imprópria para banho, mas também reconhecida pelos moradores locais como ‘poço’ ou ‘lagoa do cocota’ (Entrevistado n. 20, em 11/05/2012, morador local migrante, empresário). Para os moradores locais, o termo ‘Cocotá’, significa dizer que “onde quer que você esteja na praia o cocô tá atrás de você” (Entrevistado n. 12, em 17/05/2012, morador local nativo).

De fato, considerando nossas primeiras semanas de convívio e interações com o moradores da Vila do Frade, observamos que o lado da praia da Vila, a do “cocotá”, não era utilizada para o banho de mar. Na contramão disso, observamos que frequentemente, a praia da *gated community* tinha um fluxo intenso de pessoas, principalmente usufruindo do banho de mar. Neste caso, um questionamento tornava-se imprescindível: Se a praia da Vila do Frade era poluída e o acesso da praia da *gated community* era restrito, qual seria então, a praia frequentada pelos moradores locais da Vila do Frade?

¹² Espécie própria de solos úmidos abundante naquela época.

A resposta veio ao nosso conhecimento conversando com um morador local num bar situado no bairro. Segundo ele, os moradores frequentavam uma praia chamada de ‘prainha’ que, aparentemente vem suprindo a perda da praia da Vila. Quanto ao acesso da ‘prainha’ somente é possível por mar ou trilhas. Tendo como ponto de referencia a praia da Vila do Frade, visualizamos a ‘prainha’ há aproximadamente 2000 metros de distância, e segundo o morador, tal acesso acontecia durante o dia, principalmente nos finais de semana via barcos e botes concentrados toda manhã na praia da Vila do Frade cujo valor do transporte girava em torno de R\$ 3,00 e 4,00 ida e volta. A compreensão de como os moradores da Vila do Frade compensam a perda da praia da Vila e acessam a chamada ‘prainha’ consta no registro realizado em diário de campo a seguir:

Rumo a ‘prainha’, embarquei com aproximadamente mais cinco pessoas e um piloto comumente chamado de barqueiro pelos moradores locais. No trajeto de cinco minutos até o local, indaguei ao barqueiro se o fluxo de barcos e botes era intenso o dia inteiro. O piloto assentiu, mas frisou que o pico mesmo era entre 11:00 e 12:00h. Notei que a informação do barqueiro fazia sentido, pois quando cheguei a Prainha havia apenas um casal e duas moças. Subitamente percebi estar diante de uma circunstancia que de fato me atraiu a Prainha: a possibilidade de vivenciar de perto (numa versão diferenciada da ocorrida na década 1980) o fenômeno da implantação de uma *gated community*, como a já existente no Frade. Isto porque, compondo o cenário paradisíaco da praia destacavam-se dois *outdoors* propagando um novo empreendimento, e com informações adicionais relativas ao licenciamento (Alvará de licença para construção, número da licença de instalação viabilizada pela FEEMA, e o número do EIA-RIMA¹³). Devo admitir que naquele momento fui invadida por um sentimento de que aquele lugar era chave para eu alcançar dados relevantes para este estudo, e de fato isto aconteceu. Caminhei observando de maneira atenta ao lugar e algo me chamou a atenção em demasia, um quiosque de sape, parecendo um lugar para atendimento de possíveis compradores dos imóveis naquela área. Não vendo nenhum impedimento para adentrar fui em direção ao interior do quiosque, e então me deparei com uma maquete imensa do empreendimento a ser construído. A maquete era a reprodução dos *resorts* no padrão de uma *gated community*, uma combinação de hotel com condomínios de luxo. Num relance, um senhor entrou no quiosque e se dirigiu a mim indagando se eu desejava algo. Naquele momento, pensei rapidamente e decidi não perder a oportunidade valiosa. Incorporei o papel de uma possível compradora, e disse a ele que estava interessada em um dos imóveis. Durante a conversa, fiz questão de demonstrar extremo interesse na compra e levantei outras questões: quando os imóveis seriam entregues? Se ele sabia algo sobre licenciamento ambiental? Enfim, neste interim, percebi que diversos barcos já haviam chegado, e muitas pessoas já se encontravam na praia e aproveitei para fazer uma pergunta que, para mim, significava a chave de diversos

¹³ EIA (Estudos de Impacto Ambiental) RIMA (Relatório de Impacto Ambiental) são documentos que compõem o processo de licenciamento ambiental, cujo objetivo é investigar as possibilidades de impactos ambientais antes da implantação de atividades econômicas que afetem significativamente o meio ambiente, como estradas, indústrias, aterros, inclusive empreendimentos hoteleiros e imobiliários.

questionamentos: “Quando o empreendimento ficar pronto como vai ficar o movimento e a frequência de toda essa gente na praia? O funcionário respondeu: Esse movimento? Isso vai sumir tudo, depois que os donos passarem a frequentar esse pessoal não vem mais, eles ficam inibidos, eles tem vergonha de lugar de luxo. Ainda assim, não satisfeita com a resposta, mencionei que existia uma Lei garantindo o acesso das pessoas em praias situadas em zonas costeiras. Então, o senhor me retornou a seguinte resposta: Lei? Isso não tem nada haver, eles não vem é porque não se sentem bem em lugar de luxo (Diário de campo, 09/01/2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que esta investigação se iniciou no segundo semestre do ano de 2008, destacamos que, na fase final pesquisa (ano de 2012), não identificamos um movimento sequer, originado de esferas públicas ou privadas, viabilizando qualquer tipo de discussão em relação a possíveis melhorias das condições físico-estruturais da Vila do Frade, afetada pela implantação de *gateds communities*. Ao contrário disso, deparamo-nos com evidências que comprovam a construção de uma nova *gated community* dentro da que realizamos a nossa pesquisa. Neste sentido, por mais que, os setores envolvidos com projetos de expansão de *gated communities* ancorem-se no argumento de que, esse tipo de negócio possui a capacidade de movimentar a economia local, constatamos que a questão da infraestrutura está muito longe de ser contemplada.

Com base nos dados obtidos mediante nossas interações sociais com o bairro Frade, observamos que as praias, configuram-se como, o símbolo das negociações e estratégias elaboradas entre moradores locais, residentes secundários, os dirigentes das *gateds communities* e o poder público (Federal, Estadual e Municipal). Dessa forma, são os espaços naturais que possibilitam observar como esses grupos se reconhecem, ou seja, para os moradores, a Lei em funcionamento é: praias, cachoeiras e matas cercadas por *gated communities* em Angra dos Reis, são lugares indesejáveis, são lugares onde as experiências de lazer provocam constrangimentos.

ABSTRACTS

This research focused on the strategies developed by locals from Angra dos Reis-RJ to enjoy their leisure time on the natural amenities such as beaches. These strategies were originated since the developers of the gated communities walled off a high proportion of the beaches. Using the qualitative method in this research I combined observations and interviews. As a result we identified that the beaches became one of the most relevant symbol of the relationship established among local, developers and the State heads.

KEYWORDS: Leisure; Community; Consume.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es generar la discusión acerca de estrategias de acceso a las playas creadas por los residentes en Angra do Reis RJ, debido a la privatización del espacio público, basado en el modelo de barrios cerrados (condominios). Para la obtención de datos trabajamos una metodología de enfoque cualitativo, los instrumentos utilizados en la investigación fueron entrevistas abiertas y observación de campo. Como resultado se identificó las playas, cascadas y bosques en Angra do Reis, como el mayor símbolo de negociaciones y estrategias de acceso, articuladas entre residentes locales, residentes secundarios, dirigentes de los condominios y los organismos gubernamentales (Federal, Estatal y Municipal).

PALABRAS CLAVES: Ocio; Comunidad; Consumo.

REFERÊNCIAS

ALBARRE, G. The impact of second homes: second homes and conservation in Southern Belgium. In: COPPOCK, J. T. **Second homes: curse or blessing?** p. 139-146, 1977

BLAKELY, E. J.; SNYDER, M. G. **Fortress America: gated communities in the United States.** Washington, D. C. & Cambridge, Massachusetts: Brookings Institution Press & Lincoln Institute of Land Policy, 1997.

BRASIL. **Lei 7.661**, de 16 de maio de 1988. Dispõe sobre o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7661.htm>. Acesso em: jul. 2009.

CARVALHO, A. V. **Entre ilhas e correntes: a criação do ambiente em Angra dos Reis e Paraty, Brasil.** Tese (Doutorado). Campinas-SP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas, 2009.

CLOUT, H. D. Second homes in the Auvergne. In: **The Geographical Review**, v. 61. n. 4, New York, p. 530- 533, 1971

COPPOCK, J. T. Second homes in perspective. In: COPPOCK, J. T. **Second homes: curse or blessing?** 1977, p. 1-12.

DAVIES, C. A. **Reflexive ethnography: a guide to researching selves and others.** London, New York: Routledge, 2008.

FLEMSAETER, F. From “home” to “second home”: emotional dilemmas on Norwegian smallholdings. **Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism**, vol. 9, n. 4, 2009, p. 406– 423.

GOLD, R. L. Roles in sociological field observations. **Social Forces**, v. 36, n. 3, Mar., p.217-223, 1958.

GUPTA, A.; FERGUSON, J. **Beyond “Culture”: Sapce, Identity, and the Politics of Difference.** USA: Blackwell Publishing, 2007.

KVALE, S.; BRINKMANN. **Interviews: learning the craft of qualitative research interviewing**. Los Angeles, London, New Delhi, Singapore: SAGE, 2008.

MARQUES, Moruzzi; P. E; LACERDA, Tatiana Ferreira Nobel de. Representações sobre a vocação turística de Angra dos Reis: um estudo dos conflitos em torno do conselho de desenvolvimento rural e pesqueiro local. In: **II Encontro da ANPPAS**, Indaiatuba. 2004.

MULLER, D. K. Second homes in rural areas: reflections on a troubled history. **Norwegian Journal of Geography**, vol. 65, p. 137-143, 2011.

PITKANEN, K. Second-home landscape: the meaning(s) of landscape for second-home tourism in Finnish Lakeland. **Tourism Geographies**, vol. 10, n. 2, p. 169-192, 2008.

URRY, J. **Consuming places**. London and New York: Routledge, 1995.

VEAL, A. J. **Leisure, sport and tourism, politics, policy and planning**. 3. ed., Oxfordshire: UK, 2011.